

QUESTÃO DE

Gênero



Filado à **CNE**
SINDIUPES
EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA

Centenário do Dia Internacional da Mulher é comemorado nas ruas da capital

No centésimo aniversário do Dia Internacional da Mulher, as capixabas saíram às ruas para denunciar a opressão que ainda sofrem e reivindicar igualdade de direitos. Com o mote “Dia Internacional da Mulher – 8 de março: 100 anos de luta”, a atividade deste ano foi organizada pelo Fórum de Mulheres do ES, em conjunto com diversas organizações e sindicatos, entre elas o Sindiupes.

Dividida em cores, a manifestação contou com 6 alas, cada uma representando uma bandeira de luta das mulheres. A saber: “Políticas públicas eficazes para as mulheres”, “Contra a mercantilização do corpo feminino”, “Pelo fim da violência contra as mulheres”, “Pelo fim do racismo”, “Redução de jornada de trabalho” e “Contra os latifúndios, as transnacionais e a monocultura”.

O ato que se iniciou às 13h na Pracinha de Jucutuquara e seguiu em direção ao Palácio Anchieta,

no Centro, não foi a única atividade de pautada em comemoração ao 8 de março. Durante todo o domingo, dia 7, o Sintraconst foi palco de um encontro de formação política com mulheres de diversos movimentos e entidades. As discus-



Professoras em luta por melhores condições de trabalho.

sões giraram em torno da saúde, sexualidade, etnia e condições de trabalho das mulheres.

De acordo com Edna Martins, do Fórum de Mulheres do ES, a atividade foi pensada como uma forma de fomentar um espaço de discussão para além da marcha. “Debatemos

as principais temáticas feministas na conjuntura atual, analisando os desafios do tempo presente e fazendo um resgate histórico do movimento. A atividade foi importante porque proporcionou as mulheres um acúmulo político maior em relação à pauta feminista”, analisa.

Em São Paulo, entre os dias 8 e 18 de março, a Marcha Mundial das Mulheres realizará sua 3ª Ação Internacional, cujo tema é “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”. Concentrando-se em 4 campos de atuação: Bens comuns e Serviços Públicos, Paz e desmilitarização, Autonomia econômica e Violência contra as mulheres, a Ação será

uma caminhada entre Campinas e São Paulo. Durante este período, 3 mil mulheres marcharão e estarão envolvidas em atividades de educação popular nos municípios que fazem parte do percurso. A atividade reunirá mulheres de todo o Brasil, inclusive do Espírito Santo.

Desventuras da Mulher no Mundo do Trabalho

Não há como negar que a condição da brasileira mudou bastante, principalmente no que tange a inserção das mesmas dentro do setor produtivo. Hoje em dia, a participação feminina no mercado de trabalho é, de fato, igual ou superior a dos homens.

Entretanto, se esse crescimento foi bastante significativo, a inserção das mulheres nestes espaços ainda passa, sobretudo, pela ocupação de postos de trabalho mais precários, desvalorizados, flexíveis e instáveis, além de ainda não serem precedidos pela ocupação dos postos de chefia ou pela equidade salarial.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a conjuntura em que as brasileiras se inserem no mercado de trabalho é certamente hostil. Se antigamente, o papel prioritário da mulher era o de ser mãe e reprodutora, hoje ela adentra e ganha mais visibilidade dentro do espaço público enquanto trabalhadora assalariada.

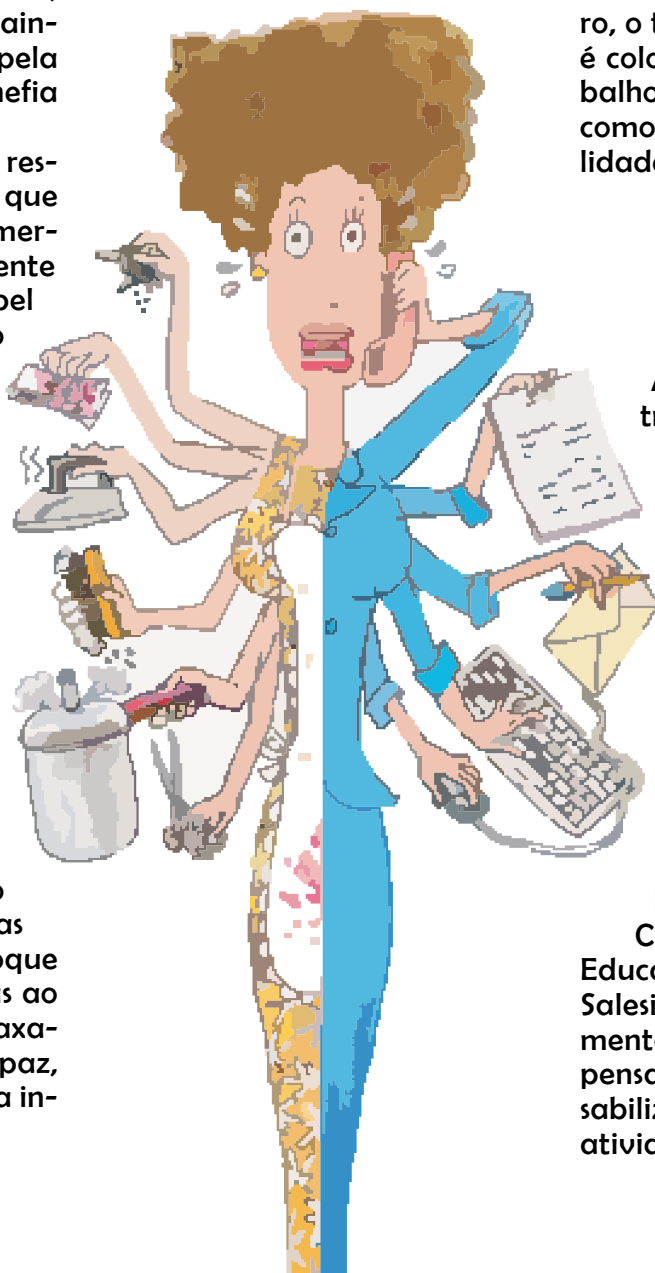
Contudo, estes dois papéis não são de maneira nenhuma excludentes, mas esperadamente complementares. Mulher moderna é aquela que dá conta de suas múltiplas tarefas. Do trabalho, da casa, do marido, dos filhos e do que mais aparecer. Quando uma dessas atividades se coloca como entrave para a realização das outras, de modo que coloque em risco a execução de todas ao mesmo tempo, a mulher é taxada de incompetente ou incapaz, alvo fácil do velho discurso da inferioridade feminina.

Dupla Jornada de Trabalho

Segundo dados do IBGE, em pesquisa feita em 2006, juntando as horas gastas com o trabalho formal e o dentro de casa, as mulheres chegam a trabalhar mais de 58 horas por semana. Em uma semana, os homens que cumprem uma jornada de trabalho de 40 horas dedicam ape-

nas 5 horas às tarefas domésticas. Já as mulheres, que trabalham a mesma quantidade, dedicam 18 horas. Isso significa que, mesmo cumprindo o mesmo número de horas no emprego formal, as mulheres trabalham quase o quádruplo de horas a mais do que os homens nas tarefas domésticas.

A chamada dupla jornada de trabalho atribui excesso de responsabilidades para a mulher e não é ao menos reconhecida ou encarada como produtiva. Como não é trocado por dinheiro, o trabalho da “dona de casa” é colocado como inferior ao trabalho assalariado. E mais, é visto como natural, como responsabilidade somente da mulher.



Redução da Jornada

A redução da jornada de trabalho sem diminuição do salário é uma bandeira histórica do movimento sindical e também uma forma de combater a dupla jornada de trabalho das mulheres e suas conseqüências nefastas. Porém, se não for acompanhada de outras políticas, será ineficaz para combater a divisão sexual do trabalho. É a conclusão que chega Erinelza Maria da Silva, 41 anos, Coordenadora do Curso de Educação Física da Faculdade Salesiana e militante do movimento de mulheres. “Temos que pensar uma política de responsabilização dos homens com as atividades domésticas. Estabe-

lecer uma nova relação de gênero em que homens e mulheres se dividam nos afazeres da casa. Se não, as 4 horas saem de um lugar e vão pra outro”. A professora também acredita que de nada adianta ter a mesma jornada, se os salários entre homens e mulheres não forem iguais.

Licença Maternidade

Outra questão importante neste debate é a licença maternidade. A nova lei (nº11.770) sobre o assunto, sancionada em setembro de 2006, prevê que a administração pública direta e indireta e as empresas privadas podem ou não estender o direi-

to à licença maternidade de 4 para 6 meses. No caso do município de Vitória, este direito já é garantido pela Lei Municipal 6.587/06. No âmbito estadual, os trabalhadores que ingressaram no serviço público através do regime estatutário também têm direito ao benefício (lei complementar 46, do Estatuto do Servidor Público Estadual).

Já os celetistas e contratados através de designação temporária ainda não tem o direito garantido. Embora o SINDIUPES acredite que a nova legislação tenha sido uma conquista do movimento, o sindicato vai continuar lutando para que a licença-maternidade de 6 meses seja direito de todas as trabalhadoras, independente

de cargo público ou privado e regime de contratação. Outra bandeira do Sindicato é que o homem também tenha direito à licença-paternidade por igual período, podendo auxiliar a mulher no cuidado com os filhos e a casa. Erinelza também aponta vantagens nesta política. “Quando houver paridade entre a licença-maternidade e a licença-paternidade, não haverá discriminação à mulher pelo fato de ela ser mãe. O empregador não fará diferenciação entre um sexo ou outro”, encerra.

Existe vida saudável no exercício do magistério?

Salas lotadas, escolas em péssimas condições, rotina desgastante, baixos salários. Este é o cotidiano do professor e da professora, ritmo de trabalho que levanta uma questão importante: existe vida saudável no exercício do magistério?

Como ressalta a psicóloga Cristina Bonaldi, mestra em Saúde Pública pela Fiocruz, o dia-a-dia do professor contribui para o agravamento de algumas doenças como estresse, dores nas costas e problemas na voz. “Quando a gente fala de precarização do trabalho, a gente não está falando apenas da educação, mas de um monte de coisas. A educação tem uma relação muito grande com a questão da saúde.”, afirma.

No caso das professoras, a grande vilã, mais uma vez, é a sobrecarga. Com às vezes, dois, três empregos, as mulheres chegam do trabalho e ainda têm que arrumar a casa, debilitando ainda mais sua saúde.

Mas embora seja muito comum ver professores aposentando doentes, Cristiana alerta para não cairmos em um pessimismo exacerbado. “Os professores estão o tempo todo desenvolvendo estratégias para lidar com essa precarização. Não dá pra dizer que a pessoa vai ficar doente. Existe uma construção de saber constante para driblar essas condições de trabalho. Ser professor não é qualquer coisa”, finaliza a psicóloga.

No dia 16 de março, será realizado mais um Encontro Mensal de Aposentados, às 13h, no auditório do Sindiupes. O tema da vez é “Saúde do aposentado”. Participe!

Dia Internacional da Mulher: 100 anos de quê?

No dia 8 de março deste ano será comemorado, em praticamente todo o mundo, o centenário do Dia Internacional da Mulher. De acordo com a pesquisadora canadense Renée Cote, a data foi proposta em 1910 por Clara Zetkin, militante e intelectual alemã, durante a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, Dinamarca.

A realidade naquele começo do movimento feminista ainda era muito difícil. Os sindicatos eram considerados coisas de homem. Como a força de trabalho feminina era mais barata – o que contribuía com a precarização geral do trabalho – as mulheres eram vistas mais como “concorrentes” do que como “companheiras”.

Contudo, através de uma luta constante por seus direitos, as trabalhadoras rompem o silêncio e projetam suas reivindicações na esfera pública. Organizando protestos e greves, as mulheres se afirmaram como agentes de transformação e não meras expectadoras do processo histórico.

Um século depois, esse teor político e combativo do Dia Internacional da Mulher parece estar sendo apagado de nossa memória. Hoje, comemorar o 8 de março significa transformá-lo

em um dia meramente festivo, que serve para a promoção de shows e eventos, distribuição de flores e bombons, motivo para aproveitar os descontos do shopping.

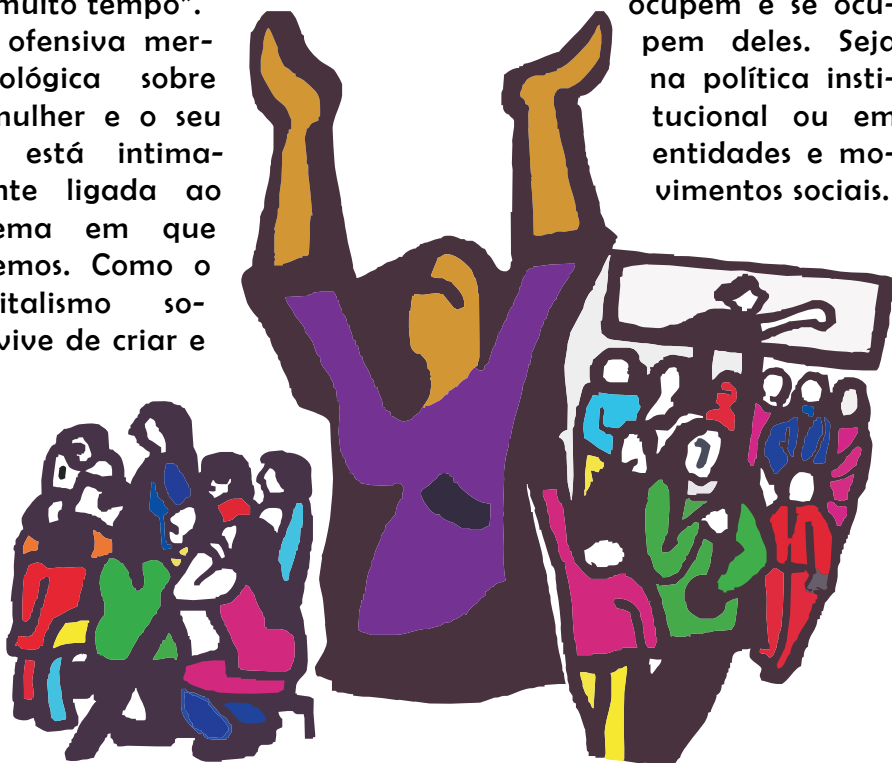
Para Gabriela Alves, doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, esta tendência está ligada ao esvaziamento da política em nossa sociedade e ao exacerbamento do consumo. “Atualmente, é mais importante você ter alguma coisa do que representar alguma coisa. Essa discussão é importante, inclusive, para pensarmos essa nova mulher, resultado desse processo de alienação, descrito por Marx há muito tempo”.

A ofensiva mercadológica sobre a mulher e o seu dia está intimamente ligada ao sistema em que vivemos. Como o capitalismo sobrevive de criar e

satisfazer desejos, o 8 de Março se transformou em algo rentável. Ao invés de acabar com as desigualdades entre os sexos, o capitalismo prefere incorporá-las, lucrar através delas e dessa forma dar continuidade ao seu modo de produção.

Diante desse panorama, cabe a reflexão sobre o que fazer. E esta resposta está no envolvimento político das mulheres, resgatando suas bandeiras de luta, se inserindo nos espaços de disputa e dizendo não a qualquer tipo de opressão ou desigualdade. Os espaços de poder ainda são muitos masculinos e é importante que as mulheres os

ocupem e se ocupem deles. Seja na política institucional ou em entidades e movimentos sociais.



“Quando uma mulher entra na política, muda a mulher.
Quando muitas mulheres entram na política, muda a política.”

(Michele Bachelet, presidente do Chile)

www.sindiupes.org

Este informativo foi produzido pelo Sindicato dos Trabalhadores/as em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes).
Rua Duque de Caxias, nº 132, Ed. Centenário, Centro. Vitória-ES. CEP: 29010-120.

Secretaria de Gênero do Sindiupes - Secretárias: Fernanda Bermudes e Maria Tereza Brandão
Secretário de Comunicação: Swami Bérgamo e Ildebrando Paranhos. Textos e editoração: Interativa Marketing e Comunicação.